

# “Minúsculos sinais da esperança”: intuições sobre o político na escrita de Mia Couto

## “Minimal signs of hope”: intuitions about politics in Mia Couto’s writing

LUANA ANTUNES COSTA \*

**Resumo:** O artigo propõe uma leitura crítica do texto “E se Obama fosse africano?”, do escritor moçambicano Mia Couto (2009), publicado inicialmente no Jornal Savana, em 2008, quando da ascensão de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América. A fim de surpreendermos as estratégias de elaboração do discurso miacoutiano sobre a cena política global e local, as tensões nos planos sociocultural e político presentes dentro e fora do continente africano, apoiaremos-nos no pensamento de Edward Said sobre a performatividade do sujeito intelectual, na teoria do ensaio desenvolvida pela crítica argentina Liliana Weinberg e nas declarações de Mia Couto sobre o caráter estético de seus textos interventivos.

**Palavras-chave:** Mia Couto, literatura moçambicana, política, ensaio.

**Abstract:** This article proposes a critical review of the text “E se Obama fosse africano?” [What if Obama were African?], by the Mozambican writer Mia Couto (2009), first published in the newspaper Savana, in 2008, when Barack Obama rose to the presidency of the United States. In order to identify the strategies of Mia Couto’s discourse about a global and local political scenario and the tensions in the sociocultural and political in and outside the African continent; we have as theoretical support Edward Said’s thinking on the performativity of the intellectual subject, Liliana Weinberg’s essay theory and the statements by Mia Couto on the esthetic features of his interventional texts.

**Keywords:** Mia Couto, Mozambican literature, politics, essay.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2014). Docente em Programas de Formação continuada de profissionais da educação Básica e Superior em Educação para as Relações Étnico-raciais e Literaturas Africanas e Afro-brasileira. Pesquisadora pós-doc na Universidade Federal Fluminense.

*Porque a verdade é uma: antes vale andar descalço do que tropeçar com os sapatos dos outros (Mia Couto, 2009: 50).*

A máxima de Mia Couto, um *improvérbio*, que coroa o seu texto de intervenção “Os sete sapatos sujos”, pronunciado em 2006, no Instituto Técnico Moçambicano, dará o tom didático ao ensaio “E se Obama fosse africano?”. Ambos os textos, junto a quinze outros, fazem parte do livro, *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções* (2009). Antes de nos determos na análise mais detalhada desse ensaio, faz-se necessária uma abordagem sobre questões referentes à encruzilhada dos gêneros literários, onde se arma a escrita coutiana.

Como o próprio escritor nos diz em “O guardador de rios”, espécie de testemunho autoral, preâmbulo da obra, esse livro foi organizado a partir de uma recolha de textos cujo propósito seria uma “[...] *missão de intervenção social que a mim mesmo me incumbo como cidadão e escritor*” (Couto, 2009: 10; grifos do autor). Ao enunciar a missão desses textos, Mia Couto assume seu compromisso frente às realidades vivenciadas por si e, pela coletividade moçambicana, na dupla condição de escritor-intelectual. Sua intervenção, no plano público, torna-se estratégia e ato para fazer falar o pensamento do sujeito cidadão, aliado à voz coletiva daqueles outros moçambicanos que “correm o risco de ficar de fora, afastados dos processos de decisão, excluídos da modernidade” (Couto, 2009: 187).

Ainda nesta fala preambular, o escritor é direto ao dar-nos a conhecer as estratégias de composição do livro. Segundo ele, tais textos não se tratam de ficção: “Tal como o anterior *Pensatempos*, este não é um livro de ficção” (id. *ibid.*). Sendo textos de intervenção ou artigos de opinião, o fato é que a forma poética está presente na textura do livro, assim como em *Pensatempos*, publicado em 1991 pela editora portuguesa Caminho. Trata-se, pois, de textos que foram compostos a partir de fontes da oralidade – provérbios, conto, canto, adivinha, mito, fábula, chiste, lenda –, ainda que matizados os graus de uma e de outra forma, um recurso estilístico que se estende pela obra literária do escritor como um todo. O *lócus* enunciativo é frequentemente Moçambique, suas intermitências entre as dimensões urbana e rural, embora muitos desses textos assumam um caráter de universalidade ao abordarem temas comuns à paisagem humana, como imigração, exílio, tradição e modernidade, meio ambiente, desigualdades

de gênero, classe e raça, política africana e mundial, colonialismo e neocolonialismo, política linguística, e mesmo sobre a prática da escrita literária e a condição do escritor como sujeito intelectual na cena global em que se dão as relações de poder e de informação.

Percebe-se que, em razão dos entrecruzamentos de gêneros discursivos que compõem tais textos, a crítica encontra certa dificuldade em alocá-los, com precisão, no quadro dos gêneros não-ficcionais ou ficcionais. Lola Geraldine Xavier, ao realizar uma análise formal das crônicas do escritor, afirmará que, dentre os livros publicados em Portugal, quatro serão considerados por ela como de “intervenção”. Segundo ela, dois deles serão considerados como pertencentes ao gênero cronístico, quais sejam, *Cronicando* (1991) e *Pensageiro Frequente* (2010). Os outros seriam *Pensatempos* e *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções* (Cf. Xavier, 2011: 141). Importa destacar que, embora Xavier não desenvolva criticamente a distinção que faz entre “textos de opinião”, ao referir-se a *Pensamentos*, e “texto de intervenção”, no caso de *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*, acaba por ver neste segundo alguma semelhança com o gênero ensaístico:

Em relação a *Se Obama fosse Africano e outras Interinvenções*, este é um livro que compila “textos de intervenção”, por sua vez, *Pensatempos*, como refere o paratexto, logo na capa, apresenta “textos de opinião”. Destes o que menos se assemelha a crônicas é *Interinvenções*, em que os textos se aproximam mais do ensaio. Estes dois livros são constituídos por textos mais interventivos, mais explícitos e menos metafóricos. Apesar de em rigor não os conseguirmos categorizar de livros de crônicas, a verdade é que nos ajudam a interpretar e compreender as crônicas do escritor. (Xavier, 2011: 148)

Como metodologia analítica, a crítica confrontará a voz de Mia Couto inscrita nestes livros com depoimentos, testemunhos do autor em entrevistas sobre o caráter genológico desses escritos, para concluir que o efeito da hibridez cultural da realidade moçambicana é plasmada, pelo labor da escrita, nos textos eleitos para a análise, ora caracterizados pelo autor como crônicas, ora como contos. Assim, na visão da estudiosa, configuram-se tais textos como um *entregênero* (Xavier, 2011: 149). Por nossa vez, consideramos que o objeto de nossa análise, qual seja, “E se Obama fosse africano?”, inicialmente publicado no jornal mo-

çambicano *Savana*, em 2008, como referencia o próprio escritor em uma nota, destaca-se do conjunto dos textos desta obra e revela-se como um ensaio, na medida em que, devido à sua plasticidade, este gênero é capaz de conciliar outras formas em sua textualidade, como a crônica. Como sinaliza o autor, “com a exceção do artigo sobre a eleição de Obama, todos os restantes textos foram concebidos para alocuções a serem proferidas em encontros e colóquios dentro e fora de Moçambique” (Couto, 2009: 10). Portanto, tais textos foram criados como pronunciamentos orais, cujas marcas de uma performatividade da palavra e do gesto participam de sua elaboração, sendo também dirigidos a um auditório específico e atrelados a dado contexto geográfico e temático situacional – conferências, alocuções, palestras, todas elas intervenções em que a fala/escrita do escritor também constrói sentidos por sua presença.

No caso de seu texto sobre a primeira eleição de Barack Obama, a escrita se ancora no presente do fato histórico, no imediatismo da história em curso, assumindo uma dicção jornalística articulada à linguagem cotidiana da crônica. A figura autoral, assim, só pode se apresentar, no texto, por suas marcas discursivas, visto que este fora projetado para ser publicado no jornal – daí também a necessidade de uma linguagem mais concisa e direta ao tratar de um assunto recortado do cotidiano do país, e mais globalmente, do continente africano, ou seja, a reação da elite governamental africana face ao fato histórico da ascensão de Barack Obama ao posto de presidente dos Estados Unidos da América.

Vale lembrar que Mia Couto, moçambicano branco, de ascendência portuguesa, atua na imprensa de seu país, como jornalista e diretor de periódicos, desde 1974. Colaborou na revista *Tempo* e nos jornais *Tribuna* e *Notícias* de Maputo, até ocupar o cargo de diretor da Agência de Informação de Moçambique, sendo que sua contribuição para o jornalismo moçambicano e de outros países prossegue até a atualidade. As conexões entre as estruturas dos gêneros poesia e prosa participam da estética cotidiana ao abordar, de forma mais direta, assuntos relacionados à realidade empírica moçambicana. Nesse processo, funda-se a poética de um escritor empenhado no compromisso com a verdade do cotidiano em seu país. Parece-nos que são essas as primeiras margens de sentidos observáveis pelas mesclas genológicas que se apresentam em “E se Obama fosse africano?”.

Em *O País do queixa andar*, livro de crônicas, como o define o autor, publica-

do em 2003, pela editora moçambicana Ndjira,<sup>1</sup> as palavras de Mia fazem ecoar aquilo que identificamos ser uma constante em seus textos de intervenção, de opinião e/ou ensaísticos: a aventura de sua escrita pelo vão entre a literatura e o jornalismo. O autor afirma, claramente, sua intenção ao experimentar o recurso do riso, da ironia, como estratégias de intervenção nos assuntos relacionados à sociedade moçambicana, a nosso ver, como estratégia discursiva para fugir de uma possível padronização jornalística que eleva o enunciado e o sujeito de enunciação a um posicionamento crítico e social distanciado da realidade das massas, em outras palavras, uma forma de abolir a ideia do muro que separa o conhecimento instituído como verdadeiro (e elitista) e o conhecimento considerado como popular, de menor valor:

O que intentei com estes textos foi experimentar a ironia como arma de intervenção nos assuntos nossos. Tentar, em vez da vassoura, o riso. Em lugar da sapiência do artigo opinativo (os jornais abarrotam de opinião), ensaiar o humor ligeiro e breve. Não estava laborando no terreno da literatura. Não estava esgravatando na machamba do jornalismo. Trabalhava na linha de fronteira. (Couto, 2010: 3)

Em “E se Obama fosse africano?” é o escritor que nos revela a intenção de seu discurso, que se configura, em um primeiro plano, como resposta a uma resposta elaborada pelas elites políticas africanas, em face de um dado da realidade externa ao continente africano; em segundo plano, como uma resposta à resposta do povo moçambicano em face de tal acontecimento. Ainda assim, Mia Couto, ao colocar em cena um imaginário político africano pelas linhas de “E se Obama fosse africano?”, demarca o seu primeiro interlocutor, um leitor implícito, ou seja, a elite política e econômica que tem acesso aos meios de comunicação de massa, como o jornal, a elite letrada moçambicana; além disso, quando o texto se fixa na forma do livro, essa expectativa do leitorado se expande, alcançando espaços mais amplos de recepção, daí pensarmos numa escala global de circulação e seu público. O fato de o ensaio crítico ter circulado pela mídia eletrônica expande também a relação entre o leitorado implícito, inscrito nas entrelinhas do texto, e o leitor real, visto que nas teias fluídas da Internet a temporalidade e

<sup>1</sup> Este livro é composto de uma recolha de crônicas de Mia Couto, publicadas no jornal *Domingo*, ao longo dos anos 80 e 90, nas colunas “Queixatório” e “Imaginadâncias” (Cf. id. *ibid.*)

a espacialidade bem marcadas que originam o texto são implodidas pela velocidade da informação propagada pela rede.

Nos dias seguintes, fui colhendo as reações eufóricas dos mais diversos recantos do nosso continente. Pessoas anônimas, cidadãos comuns quiseram testemunhar a sua felicidade. Ao mesmo tempo fui tomando nota, com algumas reservas, das mensagens solidárias de dirigentes africanos. Quase todos chamavam Obama de ‘nosso irmão’. E pensei: estarão todos esses dirigentes sendo sinceros? Será Barack Obama familiar de tanta gente politicamente tão diversa? Tenho dúvidas. (Couto, 2009: 210)

Essa função responsiva e de responsabilidade social assumida pelo discurso coutiano se expressará de forma crítica e irônica nas páginas de “E se Obama fosse africano?” ao ser tramado um ponto de vista que desarticula a normalidade do discurso político forjado pela classe dos dirigentes das nações africanas. Através-se, assim, na organização textual, três categorias-chave que caracterizam o ensaio: interpretação, crítica e processos sociais de simbolização do mundo sociocultural, como sugere Liliana Weinberg, e político, em nosso entendimento:

Recordemos que ese *más acá del ensayo*, dado por las condiciones de producción discursiva, de responsabilidad y responsividad social, tiene su correspondiente en *un más allá* del texto, dado por la inscripción del mismo en un mundo de sentido, en esa esfera de lo pensable y en enlace entre el texto y la vida, así como de representaciones sociales y procesos de simbolización de lo cultural y lo social [...]. (Weinberg, 2006: 126, grifo da autora.)

Identificamos três movimentos argumentativos presentes na arquitetura textual de “E se Obama fosse africano?”, os quais darão ao todo do ensaio o tom crítico em relação ao discurso político das elites veiculado no continente africano quando da ascensão de Barack Obama: 1. Enunciação do eu autoral e do homem cidadão – identificação positiva com os africanos, “as pessoas simples e os trabalhadores anônimos”, segundo ele (Couto, 2009: 214), e com Barack Obama, o que leva o eu-enunciativo a perceber uma relação de similitude no espírito comemorativo popular entre territórios diferentes, Chicago e “a minha cidade”:

Na noite de 5 de Novembro, o novo presidente norte-americano não era apenas um homem que falava. Era a sufocada voz da esperança que se reerguia, liberta, dentro de nós. Meu coração tinha votado, mesmo sem permissão: habituado a pedir pouco, eu festejava uma vitória sem dimensões. Ao sair à rua, a minha cidade se havia deslocado para Chicago, negros e brancos comungando de uma mesma surpresa feliz. Porque a vitória de Obama não foi de uma raça sobre a outra: sem a participação maciça dos americanos de todas as raças (incluindo a da maioria branca) os Estados Unidos da América não entregariam motivo para festejarmos. (Couto, 2009: 209)

2. Instauração da dúvida como função responsiva – diálogo com o posicionamento simbólico e discursivo das elites africanas em face do fenômeno Obama, diálogo com o campo de expectativa da população africana em face do mesmo fenômeno; diálogo parodístico com o discurso do escritor camaronês Alain-Patrice Nganang (1970-); 3. Circulação da dúvida e criação de mundo hipotético – deslocamento temporal e espacial da personagem política Barack Obama, do contexto histórico-político dos E.U.A para o contextos espaciais e temporais do continente africano; 4. Conclusão argumentativa – paralelo distintivo, em linhas gerais, entre o contexto político e social estadunidense e africano, focalização do ponto de vista na realidade endógena do Continente Africano.

Por tal movimentação, o autor armará o seu ponto de vista, como um contra-discurso, no sentido de colocar em suspenso a verdade instaurada pelo discurso corrente que vê no presidente Barack Obama uma identificação familiar com a África e os africanos, abrindo espaço em seu texto para o campo da dúvida. O texto se constrói, então, à medida que o eu-enunciativo duvida desta verdade e lança luz sobre suas contradições.

O discurso de Mia Couto não questiona as relações de poder subjacentes à campanha política de Barack Obama, como figura pública, nem as possibilidades de logro ou de falha de seu governo. À medida que o texto se adensa, o eu-enunciativo posiciona o seu olhar crítico e o foca no interior do continente africano. A figura de Barack Obama, portanto, na arquitetura textual de “E se Obama fosse africano”, opera como símbolo de esperança. Mais do que se atrelar a uma visão pragmática, racionalizada, objetiva e especializada sobre o fato histórico, o ensaio incorpora a personagem histórica como representação de uma possibilidade de mudança interna, de cunho político, no continente africano. Aproxima-se,

assim, Obama da figura pública de Nelson Mandela, mais um indício de que o olhar crítico do eu-enunciativo posiciona-se no seu lugar de fala, a África, já que o ícone estadunidense Malcolm X, não é por ele diretamente convocado:

Os africanos rejubilaram-se com a vitória de Obama. Eu fui um deles. Depois de uma noite em claro, na irrealidade da penumbra da madrugada, as lágrimas corriam-me quando ele pronunciou o discurso de vencedor. Nesse momento, eu era também um vencedor. A mesma felicidade me atravessou quando Nelson Mandela foi libertado e eleito novo estadista sul-africano, consolidando um caminho de dignificação para a África. (Couto, 2009: 209)

Assim, os dados biográficos do presidente Barack Obama serão pontuais no texto, genéricos, servindo de justificativa aos questionamentos, em forma de hipóteses. Os elementos da biografia política e pessoal de Obama, no ensaio de Mia Couto, operam como pano de fundo para que o sujeito enunciativo possa denunciar, de um ponto de vista geográfico e social interno, os abusos de poder existentes em seu continente. É o que se nota na seguinte passagem:

2. Se Obama fosse africano, o mais provável era que, sendo candidato do partido da oposição, não teria espaço para fazer campanha. Far-lhe-iam como, por exemplo, no Zimbábue ou nos Camarões: seria agredido fisicamente, seria preso consecutivamente, ser-lhe-ia retirado o passaporte. Os Bushs de África não toleram opositores, não toleram a democracia. (Couto, 2009: 211)

A partir de uma hipótese mestra, suscitada pelo intertexto com o ensaio de Nganang, “Et si Obama était camerounais?”, publicado em 2008 no jornal eletrônico *Cameroun online*, Mia Couto tecerá uma série de questionamentos e hipóteses, tentativas de respostas à questão, confrontadas a dados concretos dos universos políticos e culturais africano. Eis aí mais um fator que adensa o que falamos anteriormente sobre o posicionamento do olhar crítico de Mia Couto. O fato de estabelecer uma relação dialógica direta com o discurso de Nganang, ao mesmo tempo em que adensa o aspecto endógeno de seu texto, também abre uma perspectiva para pensarmos na construção de uma rede relacional, de trocas de experiências práticas e simbólicas entre tais escritores. O Camarões, como se sabe, sobrevive em meio à violência de um regime autoritário há vinte e



seis anos no poder, como denuncia “E se Obama fosse africano?” (Couto, 2009: 211), fazendo eco às linhas do texto de Nganang. Aliás, um aspecto no percurso do escritor camaronês merece aqui destaque. Desde o ano 2000, Nganang reside nos Estados Unidos da América, onde leciona Literatura Francesa e Alemã na Universidade do Estado de Nova Iorque.

O escritor camaronês participou ativamente da campanha eleitoral de Barack Obama e tem sido uma voz de denúncia das arbitrariedades políticas e sociais por parte dos interesses das elites africanas e das potências mundiais que lesam o seu país e a África. Sobre tal aspecto, merecem destaque as palavras da crítica brasileira Sueli Saraiva, em sua tese de doutoramento, *O pacto das elites e sua representação no romance em Angola e Moçambique*, (2013), por referir-se à representação das elites africanas e suas formas de articulação com o capitalismo globalizado:

Na literatura, principalmente naquela produzida por nações periféricas, onde as contradições se dão de forma menos mediada, isto é, onde as desigualdades são escandalosamente explícitas, a gravidade da situação social pode ser denunciada na forma de representação literária de suas elites, cuja crítica, não raro, é abolida na imprensa, ou relegada a umas poucas vozes intelectuais (em geral vistas como “anacrônicas”!). (Saraiva, 2013: 22)

A voz de Nganang não se localiza somente no interior de seu país, antes ela é forjada num espaço de relação, de imbricação de fronteiras. Do trânsito geográfico e cultural, pela experiência de vida em diferentes continentes – África, Europa e América do Norte – percebe-se, especialmente em seus ensaios,<sup>2</sup> uma consciência contrapontística, ou seja, uma pluralidade de visão, para chamarmos na cena de nosso discurso as palavras de Edward Said quando diz-nos da condição deslizante do exílio e do exilado no mundo:

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade

<sup>2</sup> Dentre as obras do escritor, destacamos aqui os ensaios *Le prince dissident* (2005), *Manifeste d'une nouvelle littérature africaine* (2007) e a obra coletiva *L'Afrique répond à Sarkozy – contre le discours de Dakar* (2008).

de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística*. (Said, 2003: 59)

Por tudo isso, entendemos que Mia Couto, como Alain-Patrice Nganang, no que concerne aos textos aqui mencionados ou estudados e considerando suas especificidades, embora não tenham tecido tais obras sob a pressão e a vivência do exílio como o define Said (2003: 54), desenvolveram, pelos seus trânsitos e experiências como escritores-intelectuais e cidadãos, aspectos de uma consciência contrapontística, que os capacita a interpretar, pelo viés crítico, dois ou mais aspectos de realidades diferentes, justapondo-as. Assim, nesse processo, a comparação de hábitos, experiência ou atividades outrora vividos ou observados em outra geografia, em outro tempo, encarnam no tecido do presente, da nova geografia, do novo tempo, pelo pano de fundo da memória. A rede polifônica engendrada pelos discursos de tais escritores, ao criticar o campo do sócio-político, leva-nos a enxergar, ainda com Said, ao ler Pierre Bourdieu, a possibilidade efetiva de uma “intervenção coletiva” (Cf. Said, 2003: 37). Aliás, a movimentação de tais escritores, ao construírem seus discursos críticos em forma ensaística, em diálogo com fragmentos da história imediata, ou seja, com a trama discursiva e polifônica da vida cotidiana e da vida midiática em perspectiva global, confirma uma aposta na possibilidade de intuir realidades do mundo e de inventar hipóteses. Nesse contexto, a palavra intuir liga-se ao sentido filosófico do termo intuição, “forma de conhecimento direta, clara e imediata, capaz de investigar objetos pertencentes ao âmbito intelectual, a uma dimensão metafísica ou à realidade concreta”,<sup>3</sup> ao passo que inventar, do latim, *inventio*, designa “o rearranjo a partir de desempenhos anteriores ou o reencontrar de soluções, e não o uso romântico de invenção como algo que se cria do nada – [...] elaboram-se hipóteses de situações melhores a partir de fatos conhecidos, históricos e sociais” (Said, 2003: 38).

Mia Couto posiciona o seu olhar internamente ao continente africano. O fato histórico e político que Obama representa é internalizado no texto, provocando um efeito reflexivo sobre a *práxis* política, a conduta e a ética dos Estados africanos no período do pós-independência. Tendendo mais à circulação das

<sup>3</sup> Dicionário eletrônico Houaiss (2009).

questões, das hipóteses críticas e de seus intertextos históricos e textuais do que a fórmulas conclusivas e sistemáticas, o ensaio de Mia Couto se estrutura, inicialmente, por uma espécie de voz testemunhal do autor, adensando a subjetividade da experiência vivida pelo eu que enuncia:

Os africanos rejubilaram com a vitória de Obama. Eu fui um deles. Depois de uma noite em claro, na irreabilidade da penumbra da madrugada, as lágrimas corriam-me quando ele pronunciou o discurso de vencedor. Nesse momento, eu era também um vencedor. (Couto, 2009: 209)

Na escrita de Mia Couto, parece-nos que ganha terreno uma dicção mais direta, em que o riso se transforma em arma ideológica, expressa pelo recurso da ironia e pela apropriação da intertextualidade com componentes discursivos ora de uma temporalidade histórica imediata, ora daquela que se seguiu ao pós-independência nas ex-colônias africanas, impregnada de resquícios de uma política neocolonial participante do sistema neoliberal.

Contudo, na intervenção de Mia Couto, não se trata do riso instaurado pelo registro do cômico, como recorda a linguista brasileira Beth Brait, “[...] a ironia não é necessariamente cômica, ou ao menos engraçada para utilizar um termo mais corriqueiro” (Brait, 1996: 58), antes o riso, neste caso, deriva do efeito paródico e da elaboração de um interdiscurso irônico que se apresenta no título do ensaio e se adensa na segunda parte do texto. A ironia, assim, instaura os sentidos ambíguos na questão hipotética “*E se Obama fosse africano e candidato a uma presidência africana?*” (2009: 211, grifo do autor). Sabe-se que são diversos os estudos e muitas as abordagens, filosófica, sociológica, retórica, estilística etc., que tratam do tema da ironia. Elegemos compreendê-la aqui como forma de discurso, portanto, diretamente relacionada com a polifonia das vozes discursivas extratextuais e de seus contextos históricos e sociais de enunciação. Assim, a ironia refere-se, segundo Brait, a um

procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, como um processo de meta-referencialização, de estruturação do fragmentário e que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como neutros. Em outras palavras, a ironia será

considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados. (1996: 15)

No nosso entendimento, a “missão” da qual se investe o discurso do eu-enunciador, locutor, no caso de “E se Obama fosse africano?”, apresenta-se justamente no ato da avaliação, do julgamento que realiza sobre fragmentos de discursos que enformam realidades extraliterárias, os enunciados das elites africanas, para dessacralizá-los, pela armadilha da ironia e da paródia. Assim, tanto a ironia quanto a paródia funcionam na textura desse ensaio como estratégias para uma revisão crítica das injustiças do campo do político e do cultural propagadas em países africanos no pós-independência.

Desse modo, o autor-ensaísta irá enumerar seis respostas hipotéticas que, de fato, não fecham a interpretação da questão e mais adensam a busca por outras respostas imaginárias. Ressalta-se aí, um processo de intelecção e crítica da realidade africana, e, por extensão, da realidade moçambicana. O leitor é conduzido pelo ensaio a participar desse processo de busca, de conhecimento, de reflexão e produzir o seu entendimento, armar o seu ponto de vista, sobre as realidades interpretadas. O ensaio, assim, ao fazer circular o interdiscurso irônico, prevê o leitor e seus movimentos. O que, em nossa consideração, faz-se ecoar na travessia, que é o próprio texto e suas margens significativas. Trata-se daquilo que diz Said sobre a função do intelectual moderno, como voz deslizante entre as esferas do público e do privado, capaz de encarnar a experiência histórica de seu povo e de universalizar as crises vivenciadas seja por sua ou por qualquer outra comunidade, com o intuito de enunciar as crises para além de suas geografias:

A esta tarefa extremamente importante de representar o sofrimento colectivo do próprio povo, de testemunhar o seu trabalho árduo, de reafirmar a sua perseverança, de reforçar a sua memória, algo mais tem de ser acrescentado, algo que só um intelectual, creio eu, tem a obrigação de levar a cabo. [...]. A tarefa do intelectual é, creio eu, universalizar, clara e inequivocamente, a crise, dar uma maior abrangência humana ao que uma dada raça ou nação sofreu, associar essa experiência aos sofrimentos de outros”. (Said, 2000: 49)

À última parte do texto, subtitulada “Inconclusivas conclusões”, o efeito da ironia também aí se instala. Após a listagem argumentada do impossível, ou seja, da inviabilidade da esperança, simbolizada pela figura de Obama, frente ao peso da realidade política do continente instaurada pelo poder elitista, o eu-enunciador, o escritor moçambicano, se recoloca no texto ao apontar a exceção, seu país Moçambique:

Fique claro: existem exceções neste quadro generalista. Sabemos todos de que exceções estamos falando e nós mesmos, moçambicanos, fomos capazes de construir uma dessas condições à parte.

Fique igualmente claro: todos estes entraves a um Obama africano não seriam impostos pelo povo, mas pelos donos do poder, por elites que fazem da governança fonte de enriquecimento sem escrúpulos. (Couto, 2009: 213)

Evidencia-se, pois, o alvo da ironia do discurso de Mia Couto, “as elites que fazem da governança fonte de enriquecimento sem escrúpulos”, como ele nos diz no trecho acima. Entendemos que, se por um lado, ao alocar Moçambique como exceção neste quadro de violação dos direitos humanos e civis de populações africanas, ameniza-se a crítica direta à elite que governa o país, por outro, pelo efeito da ironia, aumenta-se a ambiguidade que leva o leitor a duvidar, questionar seus dirigentes, no caso do leitor não integrante dessa elite, e até mesmo a identificar-se ou não com aquilo que é denunciado pelo texto, no caso de ele pertencer à classe ali representada. De uma forma ou de outra, a figura cívica do escritor, ao criar o jogo da ambiguidade pelo recurso irônico, é preservada em face da cena da política interna de seu país e, ao mesmo tempo, é exposta, em face da movimentação da política externa africana e, num grau maior, global.

Se no preâmbulo da obra, em *O guardador de rios*, como mostramos no início desta leitura, o autor afirma que os textos de seu livro não são da ordem do fictício, o fato de ter construído o discurso de “E se Obama fosse africano?” na encruzilhada de uma linguagem referencial, no sentido jornalístico do termo, cujo objetivo se ancora na tradução de um fato acontecido na realidade, e uma linguagem ensaística, permeada pelo interdiscurso irônico, remete o texto e sua questão primordial à zona hipotética da criação de uma outra realidade, de uma outra possibilidade de criação de mundo e de sentidos no campo do político e do social. Assim, o enunciado “E se Obama fosse africano?”, questão hipotética,

joga, pela ironia, com o real histórico, social e político das realidades africanas pelo texto representadas. No fim da intervenção, antes de uma conclusão, a perspectiva que nos é apresentada é aberta, embora o autor retome a verdade do fato histórico:

A verdade é que Obama não é africano.

[...]

Só há um modo verdadeiro de celebrar Obama nos países africanos: é lutar para que mais bandeiras de esperança possam nascer aqui, no nosso continente. É lutar para que Obamas africanos possam também vencer. E nós, africanos de todas as etnias e raças, venceremos com esses Obamas e celebrarmos em nossa cada aquilo que agora festejamos em casa alheia. (Couto, 2009: 214)

Porém, como revela o fragmento acima, a constatação da verdade, antes de conduzir as últimas linhas do texto ao sentimento do falhanço (a uma visão pessimista do mundo africano), reverbera as palavras finais do escritor em *O guardador de rios*,

Acredito, porém, que os rios que percorrem o imaginário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais da esperança. (Couto, 2009: 11)

Então, assistimos à circulação da voz da esperança, do eu-enunciador, do escritor Mia Couto, tramada naquela do velho guarda da isolada estação hidrométrica no interior da Zambézia, que ao longo dos anos da guerra de desestabilização do país, cuidara atentamente dos rios, grafando nos muros da estação os dados hidrológicos, nutrindo, assim, pelo seu gesto, a esperança, como narra o escritor. Na urdidura do texto, sendo ficção ou realidade, ficção e realidade, o fato é que, pelos minúsculos sinais da esperança, o discurso do escritor-ensaísta se apresenta como tradução de um desejo coletivo, de um sonho possível dentro e fora de seu país. Afirma-se, assim, o seu compromisso, como escritor e intelectual, com a realidade extra e intraliterária, com o mundo real, compreendendo aí suas tensões e distensões, e com o mundo criado pela linguagem artístico-verbal, “porque o compromisso maior do escritor é com a verdade e a

liberdade. Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente” (Couto, 2005: 59).

## Referências

- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- COSTA, Luana Antunes. *Traços do chão, tramas do mundo: representações do político na escrita de Mia Couto e Patrick Chamoiseau*. 288 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.
- COUTO, Mia. *Pensageiro frequente*. Lisboa: Editora Caminho, 2010.
- \_\_\_\_\_. *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Lisboa: Editora Caminho, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Pensatempos*. Lisboa: Editora Caminho, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O país do queixa andar*. Maputo: Ndjira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Cronicando*. Lisboa: Editora Caminho, 1991.
- NGANANG, Patrick. *Et si Obama était camerounais?* Disponível em: <<http://www.cameroun-online.com/actualite,actu-5110.html>>. Acesso em: 10.03.2013.
- \_\_\_\_\_. *Le principe dissident*. Yaoundé: Éditions Interlignes, 2005.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Colibri, 2000.
- SARAIVA, Sueli. *O pacto das elites e sua representação no romance em Angola e Moçambique*. 270 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- WEINBERG, Liliana. *Situación del ensayo*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.
- XAVIER, Lola Galdes. Crônicas de Mia Couto: o entregênero. Em torno do hibridismo genológico. In *Forma Breve*, 2010, p. 149-151. Disponível em:<<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/2316/2176>>.